

UMA MULHER ENTRE CÉSARES: A REPRESENTAÇÃO DE ÁTIA NA OBRA *DE VITA CAESARUM*

Luisa Amado Monteiro¹

Resumo: Átia era uma mulher conhecida pelos homens que a cercavam. Mãe e sobrinha de Césares, foi reduzida ao silêncio e à inexpressividade nas fontes. Diante disso, nosso objetivo no presente artigo é analisar a forma como Átia foi representada na obra *De Vita Caesarum*, de Suetônio.

Palavras-chave: Átia; mulher; mãe-imperial; Império Romano; biografia.

A WOMAN BETWEEN CAESARS: THE REPRESENTATION OF ATIA IN *DE VITA CAESARUM*

Abstract: Atia was a woman known by the men around her. Caesars' mother and niece was reduced to silence and expressionlessness in the documents. Therefore, the aim of this article is to analyze the representation of Atia in *De Vita Caesarum*, written by Suetonius.

Keywords: Átia; woman; imperial-mother; Roman Empire; biography.

Átia, assim como outras mulheres de sua época, teve sua vida inteiramente registrada por homens. Nos anais e nas biografias, seu nome aparece apenas como uma interseção entre trajetórias de homens influentes na cena política de Roma. Seu nascimento, não datado, era relevante para qualificá-la como uma mulher de distinção social e econômica. Enfatizar quem foi seu pai era essencial para localizá-la dentre as famílias fundadoras, *patrícias*, e mencionar quem foi sua mãe era necessário apenas para evidenciar seu vínculo com César. Os casamentos, ambos com magistrados, foram importantes para estabelecer possíveis relações entre as famílias, manter seu patrimônio e gerar herdeiros legítimos, o que só foi possível no primeiro, com Caio Octávio.

Conhecida por seus filhos, Átia gerou em seu ventre os prenúncios da dinastia Júlio-Claudiana, já que foi mãe de Octávio e Octávia. Seu filho, que em 27 a.C passou a ser chamado de Augusto, garantiu, em um primeiro momento, a continuidade da linhagem de seu pai biológico, mas se tornou posteriormente herdeiro por testamento do poder de seu pai adotivo, Júlio-César, assassinado nos Idos de Março de 44 a.C. Sobre a morte de Átia, em 43 a.C., pouco se sabe, mas o que podemos depreender da historiografia é que Octávio tinha vinte anos e estava em seu primeiro consulado. Ela teve um funeral público e seu filho conferiu as mais altas honras fúnebres a ela (LIGHMAN, 2008, p. 49).

Um dos poucos documentos no qual ela é mencionada tem caráter biográfico e foi escrito no século II d.C. por Suetônio. Nele, Átia ganha destaque em momentos

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Laboratório de História Antiga (LHIA/UFRJ). E-mail para contato: luisaamado@outlook.com

específicos, que revelam mais sobre as escolhas narrativas do autor do que sobre a mulher em si. Seu ciclo de vida é entrecortado e espaçado, e os episódios do qual faz parte, que são dignos de registro, simbolizam um prelúdio do que ainda estava para acontecer em Roma. Desse modo, o objetivo central do presente artigo é analisar de que forma Átia, enquanto mulher e primeira mãe imperial, é retratada na obra *A vida dos doze césares*, originalmente *De Vita Caesarum*, de Suetônio. Para isso, levaremos em consideração não só as informações biográficas disponíveis sobre ela, como também especificidades, ainda que de forma breve, sobre o documento, como o seu gênero, o momento histórico em que foi escrito e quem foi o seu autor.

Originária de Roma, ela era a filha mais velha de Marco Átio Balbo e Júlia, irmã mais jovem de Júlio César. Casou-se duas vezes, a primeira com Caio Octávio, que morreu em 58 a.C., deixando-a com dois filhos, Octávio, que se tornou o imperador Augusto, e Octávia; e posteriormente, com *Lucius Marcius Philippus*, que foi cônsul em 56 a.C. (LIGHTMAN, 2008, p. 48). Sobre o seu nome, o que sabemos de modo geral é que os romanos não achavam ser necessário identificar as mulheres com tanta precisão quanto os homens, já que não podiam votar e nem ocupar cargos públicos.² Átia, portanto, tinha apenas esse nome, a versão feminina do nome de seu pai – Marcus Atius. A identidade do seu pai e a associação de sua família era o que importava (GOLDSWORTHY, 2014, p. 23).

Retomando o objetivo supracitado, é importante destacar que, embora a obra seja formada por inúmeras biografias, que compreendem desde a vida de Júlio César até os imperadores da dinastia Júlio-Claudiana e Flaviana, isto é, de aproximadamente 100 a.C. a 98 d.C. (VERGER, 1992, p. 21), nosso foco de análise se limitará à vida do imperador Augusto (27 a.C. – 14 d.C.). Somado a isso, podemos observar que *De Vita Caesarum* é uma obra predominantemente masculina, já que todas as biografias são de homens, nas quais esporadicamente, por algum motivo específico, nos deparamos com nomes femininos. Devemos acrescentar, ainda, que o modo como é escrita segue, em linhas gerais, o método da biografia erudita dos alexandrinos. O que significa que Suetônio narra de forma muito esquemática, desenvolvendo pontos comuns em todas as vidas: antecedentes e origens, nascimento, anedotas, carreira política, gestos realizados, caráter, aspectos físicos e morte (VERGER, 1992, p. 21-22).

² A filha de Átia foi chamada de Octávia, assim como sua enteada, a filha do casamento anterior do seu marido. Se houvesse outras filhas, estas então também teriam sido chamadas de Octávia. Em alguns casos, as famílias numeravam suas filhas para fins oficiais (GOLDSWORTHY, 2014, p. 23).

Sobre o autor, podemos destacar que Caio Suetônio Tranquilo nasceu provavelmente em torno do ano de 69 d.C. Ao final do século I d.C., ele exerceu o papel de advogado e pouco depois do ano 100 quis servir em uma legião na Britânia, mas renunciou a tal serviço (VERGER, 1992, p. 14). De modo geral, a carreira de Suetônio transcorreu por inteira em Roma, onde desempenhou sucessivamente, a serviço dos imperadores Trajano e Adriano, cargos que antes haviam sido exercidos por libertos e que passaram a ser desempenhados por pessoas da ordem equestre (VERGER, 1992, p. 15).

Desse modo, para além do gênero e conteúdo da obra, ponderar sobre as informações acerca da vida do biógrafo nos leva a refletir sobre duas situações: primeiro, é importante ter em mente que, embora não se saiba o local exato do nascimento de Suetônio, este desenvolveu uma série de cargos importantes no cenário imperial e passou a transitar em meio à elite de sua época, o que nos leva ao reconhecimento de uma ótica específica em sua obra, repleta não só dos paradigmas compartilhados pelos seus iguais, como também de um perspectiva misógina sobre as mulheres. Segundo, Suetônio viveu no século II d.C., e sua obra foi escrita possivelmente por volta de 121 d.C., ou seja, o autor não era contemporâneo de Átia, o que nos permite identificar uma continuidade na forma como determinadas mulheres eram representadas na sociedade e na tradição romana.

Acreditamos que a forma como as mulheres, em especial as que ocupavam uma posição de poder, foram representadas na Antiguidade tem relação direta com o modo como a sociedade romana se estruturava, principalmente a seletividade de espaços e a divisão de papéis, públicos e privados, pautados por uma lógica de gênero.³ Às mulheres cabia uma conduta comportamental muito limitada, e aquelas que não seguissem esse padrão sofriam as consequências e eram marcadas pelo estigma da imoralidade.

Assim, a partir da biografia escrita por Suetônio, podemos reconstruir o percurso de Átia, na medida em que seu nome aparece atrelado a acontecimentos maiores. Com isso, lidaremos com três excertos distintos, sendo os dois primeiros interligados pelo seu conteúdo genealógico.

³ Em outras palavras, podemos dizer que isso se dava porque as sociedades greco-latinas eram patrilineares e patriarcais: a transmissão dos bens, materiais e simbólicos, era feita de pai para filho (KNIBIEHLER, 2016, p. 31). Por isso, no sistema patriarcal romano, o poder, a propriedade, a política e a economia encontravam-se nas mãos dos homens que escreviam as leis, ditavam as normas e pregavam a moral, enquanto a mulher se submetia, calava. Apenas devia-se movimentar dentro de casa, onde educava e, antes de tudo, era um agente de reprodução (CIRIBELLI, 2002, p. 263).

Decedens Macedonia, prius quam profiteri se candidatum consulatus posset, mortem obiit repentinam, superstibus liberis Octauia maiore, quam ex Ancharia, et Octauia minore item Augusto, quos ex Atia tulerat. (Suet, Divus Augustus, 8.4.1)

No seu regresso da Macedônia, antes de poder apresentar a sua candidatura ao consulado, morreu subitamente. Deixou vários filhos: Octávia, mais velha, que tivera com Ancária, Octávia mais jovem e Augusto, que lhe dera Átia.

O que podemos concluir a partir deste trecho, pouco expressivo no que diz respeito à Átia, é que, para os padrões comportamentais estabelecidos naquela sociedade, ela estava de acordo com o esperado para uma mulher da elite. Havia cumprido seu dever, como esposa e filha, estabelecendo alianças por meio do matrimônio. E, embora no momento narrado se encontrasse como viúva, ela já havia concedido ao seu marido dois filhos: Octávia e Octávio.

No ano de nascimento de Octávio, em 63 a.C., Roma era de longe uma das maiores cidades do mundo. E com tanta gente em um só lugar, inevitavelmente havia muitos nascimentos e mortes todos os dias, então não havia nada de especial quando uma mulher chamada Átia entrou em trabalho de parto e antes do alvorecer do dia 23 de setembro presenteou seu marido com um filho homem (GOLDSWORTHY, 2014, p. 20). Mas, a partir desse dia, face às circunstâncias, o que podemos afirmar é que Átia possuía mais sorte que a maioria das mães: por ela e seu marido, Caio Octávio, serem aristocratas, estavam à sua disposição os melhores cuidados e uma casa confortável nas redondezas do Palatino. Quando sua hora chegou, foi amparada por mulheres da sua família, escravos e libertos, mas ela já sabia o que esperar, pois havia tido uma filha anos antes. No entanto, nem a experiência nem o conforto garantiriam a segurança de Átia. Dar à luz era perigoso para mães e bebês, sendo que estes últimos raramente sobreviviam⁴ (GOLDSWORTHY, 2014, p. 20).

Átia sobreviveu ao parto e seu filho nasceu saudável. Quando a parteira o depositou no chão para inspecioná-lo, não havia nenhum sinal de deformidade ou outros problemas. A criança, então, foi “tomada” por seu pai, visto que a tradição dava ao pai

⁴Para Adrian Goldsworthy, a gravidez e o parto eram provavelmente o ponto mais perigoso na vida de uma mulher (2014, p. 20). O parto sempre foi a maior causa de morte das romanas, de esposas de senadores e escravas. Pondo isso em uma perspectiva mais ampla, as estatísticas disponíveis para períodos da história mais recentes sugerem que pelo menos uma em cada cinquenta mulheres tinha a probabilidade de morrer no parto, com uma chance maior ainda que fosse muito jovem (BEARD, 2017, p. 309).

romano, o *paterfamilias*, o poder de vida e morte de toda unidade familiar (GOLDSWORTHY, 2014, p. 20). Na sequência, Suetônio dá prosseguimento ao mapeamento familiar no qual Átia se inscreve.

Atia M. Atio Balbo et Iulia, sorore C. Caesaris, genita est. Balbus, paterna stirpe Aricinus, multis in familia senatoriis imaginibus, a matre Magnum Pompeium artissimo contingebat gradu functusque honore praeturae inter uigintiuiros agrum Campanum plebi Iulia lege diuisit (Suet, *Divus Augustus*, 8. 4.1).

Átia era filha de Marcos Átio Balbo e de Júlia, irmã de Caio Júlio César. Balbo, cujos antepassados paternos eram de Arícia, família que contava com muitos senadores, pela mãe era estreitamente aparentado com Pompeu Magno.

Ao analisar a obra como um todo, esse excerto de *Divus Augustus* ganha significado como uma prova da legitimidade de Octávio. Em nossa perspectiva, apesar de Átia ser mencionada, ela sequer é o foco da narrativa, que, na realidade, diz respeito ao modo como os elos políticos puderam ser estabelecidos a partir dela.

Quando César foi assassinado, Octávio estava em Apolônia, no mar Adriático, para onde havia sido enviado para obter experiência em campanhas. Nesse momento, Átia e *Philippus* escreveram-lhe uma carta avisando para que retornasse de imediato a Roma, mas que, em contrapartida, mantivesse a situação com discrição (LIGHTMAN, 2008, p. 48-49). Átia, apesar de hesitante, apoiou o plano de Octávio de aceitar a herança de César e vingar a sua morte. Com o suporte de sua mãe, o garoto de dezenove anos começou sua marcha por Roma (LIGHTMAN, 2008, p. 49).

Caesare post receptas Hispanias expeditionem in Dacos et inde in Parthos destinante praemissus Apolloniam studiis uacauit. utque primum occisum eum heredemque se comperit, diu cunctatus an proximas legiones imploraret, id quidem consilium ut praeceptis in maturumque omisit. ceterum urbe repetita hereditatem adiit, dubitante matre, uirtrico uero Marcio Philippo consulari multum dissuadente. (Suet. *Divus Augustus*, 8. 8.2)

Quando César, após recuperar as províncias da Hispânia planejou uma expedição contra os Dácios e depois contra os Partos, Augusto, que fora enviado antecipadamente a Apolônia, dedicou seu tempo aos estudos. Assim que soube que seu tio havia sido assassinado e que ele era o seu herdeiro, ficou por muito tempo hesitante entre implorar ou não o auxílio das legiões mais próximas, mas considerando a ideia prematura e precipitada, desistiu. Ele, no entanto, retornou à cidade e reivindicou sua herança, apesar das hesitações da mãe e a forte oposição de seu padrasto, o ex-cônsul *Marcus Phillipus*.

A latinista Molly Pryzwansky sustenta, em *Femine Imperial Ideals in the Caesares of Suetonius*, que Suetônio, em suas biografias, empregou uma constante comportamental para todos os seus homens biografados, de César a Domiciano. E a partir dessa constatação, ela afirma que o mesmo pode ser percebido no caso das mulheres que por algum motivo também figuraram nessas biografias, fossem mães, filhas, esposas etc. A tendência em seu discurso, ao escrever sobre mulheres, é mobilizar padrões específicos como ancestralidade, casamento, nascimento de seus filhos, o que sugere que ele tivesse uma noção fixa acerca do comportamento feminino (PRYZWANSKY, 2008, p. 4). Em comparação com as demais mães imperiais mencionadas por Suetônio, essencialmente Lúvia e Agripina, Pryzwansky aponta que o biógrafo caracteriza Átia como a boa e silenciosa mãe (PRYZWANSKY, 2008, p. 59).

Pryzwansky também argumenta que a brevidade de sua aparição é chocante, já que a biografia de seu filho é justamente a mais longa. E em parte, para a autora, sua rápida aparição se deve ao fato de que ela morreu antes do auge do Principado de seu filho, sendo este o período que Suetônio mais enfatiza. As cenas em que ela figura, no entanto, especialmente sua reação diante da notícia de que seu filho seria herdeiro de César, servem como contraexemplos esclarecedores em relação às mães imperiais intrusivas, como Lúvia e Agripina. Ambas posteriormente foram acusadas de planejar e intervir em excesso na vida de seus filhos, enquanto Átia, para Suetônio, aparentemente não exerceu nenhum poder na ascensão de Augusto (PRYZWANSKY, 2008, p. 59).

Essa cena, posterior ao assassinato de César, para a autora, segue sendo a mais informativa sobre Átia, visto que ela exerce seu papel materno, além de ser o único episódio no qual ela interage com seu filho. Suetônio escreve que, após a morte do ditador, tio de Átia, ela e seu marido, *Lucius Marcius Philippus*, tentaram deter Otaviano de assumir a herança de César (PRYZWANSKY, 2008, p. 59-60). Átia claramente estava apreensiva quanto à segurança de seu filho após a morte violenta de Júlio César. Apesar de sua preocupação, ela figura como mãe ansiosa – *dubitante matre* – enquanto *Philippus* faz todo o desencorajamento ativo e vigoroso. Desse modo, Átia expressa puramente a apreensão de uma mãe receosa, mas alheia ao contexto político (PRYZWANSKY, 2008, p. 60).

Molly Pryzwansky pondera que o fato de Átia ser construída discursivamente como uma mãe distante também pode ter sido pensado para evitar comparações desfavoráveis entre Augusto, Tibério e Nero, visto que os dois últimos deviam o poder às

suas mães, Lúvia e Agripina, respectivamente (PRYZWANSKY, 2008, p. 61). A isso devemos acrescentar que nossa leitura de Átia apenas como uma coadjuvante se deu à luz da reflexão proposta pela historiadora francesa Michelle Perrot, em sua obra *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros* (1988). De acordo com Perrot, no singular, a palavra “poder” tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se designa masculina. Já no plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalentes a “influências” difusas e periféricas, em que as mulheres têm sua grande parcela (PERROT, 2017, p. 177).

As representações do poder das mulheres são, por esse ângulo, numerosas e muitas vezes recorrentes. A partir dessa perspectiva, podemos dizer que uma das imagens que predomina ao se estudar o caso das mulheres romanas é a de um poder conjuntivo, oculto, escondido, secreto mecanismo das coisas: “Mais prosaicamente, é a ideia muito difundida de que as mulheres puxam os fiozinhos dos bastidores, enquanto os pobres homens, como marionetes, mexem-se na cena pública” (PERROT, 2017, p. 178).

Por fim, podemos afirmar, com base em Pryzwansky e Perrot, que uma combinação de fatores, desde a conduta comportamental limitada que era esperada de uma mulher até uma construção sólida sobre o nascimento e o crescimento virtuoso de Augusto, levaram Suetônio a representar Átia como uma mulher pouco expressiva. No entanto, independentemente disso, podemos defender um olhar crítico sobre o modo como ela ficou marcada na história, apenas como uma coadjuvante, como a sobrinha de Júlio César e a mãe de Augusto, nada além disso.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO

SUETONIUS. *The Lives of the Caesars*. Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BEARD, Mary. *SPQR: uma história da Roma Antiga*. 1ª ed. In: _____. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2017.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. Emancipação e liberação sexual das mulheres na República Romana (II e I séculos a.C.). *Phoênix*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 259–278, 2002.

GOLDSWORTHY, Adrian. *AUGUSTUS: First Emperor of Rome*. Connecticut: Yale University Press, 2014.

KNIBIEHLER, Yvonne. *História da virgindade*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.

- LIGHTMAN, Marjorie. *A to Z of ancient Greek and Roman Women*. Nova Iorque: Facts on file, 2008.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- PRYZWANSKY, MOLLY. *Feminine imperial ideals in The Caesares of Suetonius*. (Tese de Doutorado). Carolina do Norte: Universidade Duke, 2008.
- VERGER, Antonio. Introdução. In: *Vida de los Doce Césares*. Tradução: Rosa M^a Agudo Cubas. Madri: Editora Gredos, Madri, 1992.